

Por cima das fronteiras. O caso de Jorge Montemor

Luís de Sá Fardilha
Universidade do Porto

Jorge de Montemor é um caso singular no contexto das literaturas ibéricas: português de nascimento, a sua opção pelo castelhano como língua de expressão literária valeu-lhe a exclusão dos manuais e histórias de literatura portuguesa. O fabuloso destino da sua *Diana* garantiu-lhe, em compensação, um lugar destacado não só na literatura espanhola, mas, mesmo, na literatura europeia. Não será, contudo, o novelista que nos interessará abordar aqui. Para a nossa perspectiva vamos incidir, antes, no poeta lírico, profano e sacro, que Montemor também foi, e procuraremos equacionar as modalidades possíveis do seu relacionamento com os poetas portugueses quinhentistas que estiveram no centro da promoção das inovações estéticas que atingiram a poesia portuguesa no século XVI.

Nascido na primeira metade dos anos vinte deste século¹, Jorge de Montemor deixou Portugal com a Infanta D. Maria, irmã de D. João III, que foi casar em Castela com o futuro Filipe II em 1543. Era, então, cantor da capela da Infanta e foi o exercício destas funções que o fez abandonar o seu país. Pouco ou nada sabemos acerca da infância e juventude do músico e cantor, decorridas entre c.1524 e 1543, nem conseguimos indicar com alguma segurança o processo que seguiu a sua formação cultural. A proximidade geográfica entre Montemor-o-velho, onde nasceu, e Coimbra permite sugerir que terá sido educado nesta cidade. Aparentemente, a sua formação terá sido sobretudo musical, se levarmos à letra as referências que o próprio Montemor incluiu na carta que endereçou a Sá de Miranda, muito provavelmente no início dos anos 50². Com efeito, aí declara:

1. Como resume Esteva de Llobet, «según apuntes biográficos realizados por Carolina Michaëlis, Sousa Viterbo, Menéndez y Pelayo y Lopes Vieira, podemos estimar como fecha probable de su nacimiento hacia 1520-24» (Jorge de MONTMAYOR, *Diálogo Espiritual*. Edición, estudio y notas de María Dolores Esteva de Llobet, Kassel, Edition Reichenberger, 1998, 1).

2. Esta é a indicação dada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos (Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reprodução em fac-símile do exemplar com data de 1885 da Biblioteca Nacional, Lisboa, INCM, 1989, 849) e retomada por Márcia Aruda FRANCO (*Sã de Miranda, poeta do Século de Ouro*, Coimbra, Angelus Novus, 2005, 79).

Riberas me crie del rio Mondego,

 De ciencia allí alcanzé mui poça parte
 i por sola esta parte juzgo el todo
 de mi ciencia i estilo, ingenio i arte.
 Em musica gasté mi tiempo todo;
 previno dios en mi por esta vía
 para me sustentar por algun modo³.

Há quem entenda as «ribeiras do rio Mondego» a que o autor alude como uma referência, apenas, a Montemor-o-velho⁴. Não será possível, no entanto, admitir, como mera hipótese, que ela aluda igualmente à cidade de Coimbra? A ser assim, poderíamos, talvez, dizer a propósito de Montemor algo de semelhante ao que Hernâni Cidade escreveu acerca do seu contemporâneo Luís de Camões⁵, ou seja, que, tendo sido transferida a universidade portuguesa de Lisboa para Coimbra em 1537, e encontrando-se o nosso autor por essa época em idade escolar, aí poderia usufruir de um ambiente propício à sua formação cultural⁶. Se quiséssemos forçar um pouco mais, poderíamos até ver aqui uma primeira oportunidade para que o autor da *Diana* tivesse conhecido o cantor d'Os *Lusíadas*... É evidente que, no universo de incertezas que paira em torno da biografia camoniana, não serve de muito especular; no entanto, também nada impede que se enuncie a hipótese⁷... Teremos oportunidade, de qualquer modo, de voltar ao problema das possíveis relações entre Camões e Montemor mais tarde.

O que é certo é que Jorge de Montemor frequentou em Portugal os círculos cortesãos nos primeiros anos da década de 40 do século XVI, isto é, nos anos cruciais da afirmação no nosso país dos modelos literários de matriz italiana. Será de admitir, portanto, que o espaço cultural da corte lhe tenha permitido obter, ou complementar, uma formação literária que é bem mais vasta e diversificada do que as modestas declarações que faz na carta a Sá de Miranda deixariam supor. O *Diálogo espiritual*, uma obra que Montemor poderá ter escrito entre 1543e 1548⁸, faz prova de interesses e leituras que não cabem nos limites de uma educação estritamente musical. Seja como for, julgamos poder afirmar que o primeiro contacto com os novos valores e princípios estéticos que vigorarão no período renascentista teve-o Montemor na corte portuguesa, em cujos círculos cultos

3. Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 655.

4. Parece ter sido esta a opinião, por exemplo, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, quando escreveu: «Era de Montemor-o-Velho, nas margens do Mondego, e é provável que o nome de Montemor lhe viesse desta sua terra natal e que o seu verdadeiro nome de família caísse em olvido. Aí e em Formoselha passa a sua primeira juventude, sem verdadeira educação clássica, ocupado só com a música e poesia.» (in Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 848).

5. Hernâni CIDADE, *Luís de Camões. O lírico*. 4ª edição, Lisboa, Editorial Presença, 2003, 22.

6. Apesar de ser consensualmente aceite que Montemor não recebeu nos bancos da Universidade a formação intelectual de que dá provas na sua obra, não nos parece muito legítimo concluir, como faz Márcia Arruda Franco, a partir dos versos que dirige a Sá de Miranda, pedindo-lhe que lhe «comunique» «el fruto deseado» da sua «ciencia en el mundo florecida», que «o músico e poeta luso-castelhano [declara] não ter feito estudos clássicos em Coimbra». (Márcia Arruda FRANCO, *Sá de Miranda, poeta do Século de Ouro*, 79).

7. O mesmo se pode afirmar a propósito de Jorge de Montemor. Esteva de Llobet abre, aliás, o seu estudo introdutório à edição do *Diálogo espiritual*, com uma afirmação lapidar, embora possa parecer algo exagerada: «Muy poco sabemos de Jorge de Montemayor. El único dato absolutamente indiscutible es su gran sensibilidad y una proteica personalidad que le singulariza y distingue.» (Jorge de MONTEMAYOR, *Diálogo Espiritual*, 1).

8. Veja-se as considerações que tece Esteva de Llobet a propósito da data de composição desta obra em Jorge de MONTÉMOR, *Diálogo espiritual*, 17-20.

pontificavam figuras como o Infante D. Luís e jovens fidalgos com interesses literários como D. Manuel de Portugal ou Francisco de Sá de Meneses. Esses poetas, que são por vezes ditos «mirandinos», pertenciam à geração de Montemor e constituíram, seguramente, um núcleo que, reunido em torno do pequeno príncipe D. João, dinamizou, nesses anos 40 do século XVI, a implantação e o desenvolvimento em Portugal de uma poesia feita «ao modo italiano». Particularmente significativa da abertura aos novos ventos literários que então sopravam sobre Portugal é a edição lisboeta de 1543 das obras de Juan Boscán e de Garcilaso, poucos meses depois da *princeps* de Barcelona...⁹ Quando partiu para Castela, nesse preciso ano, já Montemor tinha, portanto, tido possibilidade de tomar contacto com o círculo de adeptos da poesia italiana moderna que frequentavam a corte portuguesa e poderia, mesmo, ter provado a sua pena em alguma das novas formas ou géneros poéticos. A morte da princesa D. Maria, em 1545, ofereceu-lhe o tema para o soneto «Aquí se haze tierra una figura»¹⁰, o que, se aceitarmos a hipótese de que tenha sido escrito nas proximidades da data do infausto acontecimento, dará consistência à hipótese de que tivesse adquirido o domínio desta forma poética nova ainda em Portugal.

Apesar da morte da princesa de Castela, Jorge de Montemor não regressou a Portugal. Permaneceu em Espanha e encontramos-lo em 1549 ao serviço da Infanta Dona Joana¹¹, futura esposa do príncipe D. João e mãe do rei D. Sebastião de Portugal. Três anos mais tarde, em 1552, o casamento dos dois jovens príncipes ofereceu a Montemor a oportunidade de regressar ao seu país de nascimento, ocupando o cargo de aposentador da casa de D. Joana. Os anos seguintes, até ao regresso da princesa a Castela, em 16 de Maio de 1554, são aqueles em que os estudiosos situam as suas relações, literárias ou pessoais, com duas figuras maiores da literatura portuguesa: Sá de Miranda e Camões¹².

São conhecidas as cartas trocadas entre o moralista da Tapada e o autor da *Diana*¹³. A iniciativa, tomou-a Montemor. Quando chegou à corte portuguesa, encontrou certamente notícia da fama que nela alcançara Sá de Miranda, especialmente entre os mentores do Príncipe D. João, o seu cama-

9. Sobre este assunto, tomamos a liberdade de remeter para outros trabalhos nossos: Luís F. de Sá FARDILHA, *A nobreza das Letras: os Sás de Meneses e o Renascimento português*. Porto, ed. policopiada, 2004, 163-206; Luís F. de Sá FARDILHA, «Letras que viajam. O mito da Itália na renovação poética em Portugal no século XVI», in *Nápoles – Roma 1504. Cultura y Literatura española y portuguesa en Itália en el quinto centenario de la muerte de Isabel la Católica*. Salamanca, SEMYR, 2005, 309-321.

10. Jorge de MONTEMAYOR, *Poesia Completa*. Edición y prólogo de Juan Bautista de Avalle-Arce. Com la colaboración de Emílio Blanco. Madrid, Biblioteca Castro, 92-93.

11. Jorge de MONTEMAYOR, *Diálogo Espiritual*, 6, n. 16.

12. Também Pêro de Andrade Caminha apresenta, na sua obra, evidência de ter mantido relações literárias com Jorge de Montemor. Veja-se a epístola «A Jorge de Monte Maior em resposta doutra sua», em que Caminha dá conta de ter lido as obras de Montemor: «Teus graves versos li, neles presente / Estive todo, que tal fundamento / Forçara a sentir muito quem não sente» (in Vanda ANASTÁCIO, *Visões de Glória (uma introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)*. Lisboa, FCG/JNICT, 1998, II, 916-920). Infelizmente para nós, não é conhecido o texto que Montemor terá enviado a Caminha e que lhe suscitou esta «resposta». Aquela referência aos «graves versos» de Montemor e outras referências mais concretas que faz ao trabalho literário do destinatário não parecem apontar apenas para o texto dessa epístola desconhecida, mas deverão entender-se como alusões ao primeiro *Cancionero* de Montemor, publicado em 1554. Apesar de ter sido editado fora de Portugal, em Anvers, nada impede que se admita a possibilidade de que esse texto tenha sido objecto de uma leitura em manuscrito, no nosso país, tanto mais que não há dúvidas de que a obra estava pronta para publicação antes de 2 de Janeiro de 1554 (data da morte do Príncipe D. João) e poderá ter tido uma divulgação restrita no círculo dos poetas cortesãos que choraram a morte do príncipe (Andrade Caminha dedica a este tema a elegia «Ah, nosso mal tão grande, ah grão tormento» e o soneto «Santo Príncipe nosso, ao Céu levado» (in Vanda ANASTÁCIO, *Visões de Glória*, II, 1081-1090).

13. Servimo-nos da lição oferecida por Carolina Michaëlis de Vasconcelos em Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 653-657 (Carta de Jorge de Montemayor «Ao senhor Francisco de Sá de Miranda») e 454-461 («Reposta de Francisco de Sá de Miranda à outra Carta de Montemayor»).

reiro e preceptor Francisco de Sá de Meneses e D. Manuel de Portugal, que desde muito cedo recebera autorização para penetrar na sua intimidade. Também terá podido ler as obras que Sá de Miranda tinha vindo a remeter para o Príncipe, em resposta ao pedido que este lhe terá feito em 1551, segundo calcula Carolina Michaëlis de Vasconcelos antes de Março¹⁴. As obras foram chegando em sucessivas remessas ao círculo do Príncipe desde então, o que terá permitido a Montemor conhecê-las directamente e apreciá-las. Da impressão que lhe deixou esse contacto dá conta o remetente ao seu destinatário, em exaltados tons encomiásticos:

Enfin, señor ilustre, he de meter me
 so tu amparo i favor, por sublimar me
 i al mundo podré luego anteponer me.
 Que pierdes de tu ingenio en levantar me?
 Ha de menguar por dicha tu gran ciencia
 por la pequeña mía acrecentar me?
 Puedes perder de todos la obediencia?
 Puedes perder que fama en todo el mundo
 publique tu alto estilo i gran prudencia?
 Puedes dejar de ser el mas profundo
 en ciencia, erudición que alguno ha sido?
 O tu ingenio podrá hallar segundo?
 No, cierto, que tan alto te ha subido
 que te pierdo de vista, i no es posible
 poder dejar de ser lo que ha sido¹⁵.

Sá de Miranda, na resposta, mostra-se embaraçado com os elogios demasiados que diz ter encontrado na epístola do poeta cortesão. Além do mais, Montemor solicitava-lhe conselhos sobre uma matéria em que o velho Miranda se sentia pouco à vontade: a gestão sempre problemática de relações amorosas¹⁶. O excesso de encómios e a dificuldade do assunto sobre que lhe era pedido que se pronunciasse levaram-no a retardar a resposta e a acabar por dá-la apenas quando a pressão se tornou impossível de suportar:

Que haré? que al responder tiembla la mano.
 Trabajé por excusa si la hallara!
 Buscando lo que no ha i, cansa se en vano.
 No disimularé la verdad clara:
 iendo te a responder, atras bolví,
 viendo tu pluma quanto que me alzara;
 temía (lo que aun temo) que diría
 el que oídos alzara a la respuesta:
 la tierra tan preñada que paría?

14. Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 740.

15. Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 654.

16. Num bem conhecido trabalho, Thomas Foster Earle pôde já escrever que para Sá de Miranda «o amor apaixonado será um mal sem remédio, ou só remediável na medida em que se possa escapar-lhe», acrescentando que «a concepção de Sá de Miranda do amor como um mal a ser evitado leva-o quase invariavelmente a tomar uma posição misógina.» (Thomas Foster EARLE, *Tema e imagem na poesia de Sá de Miranda*. Lisboa, INCM, 1985, 70).

Soltó se en risa todo; tanto cuesta
esperar mucho viendo por de antojos.
Quanto a mi, quien me loa, me amonesta,
poniendo me delante de los ojos
como en pintura lo que seguir devo;
que en traje de loores son abrojos.
Forzado a responder te en fin me muevo,
ierro a sabiendas, van i vien sudores,
agora el huelgo, ora la pluma pruevo.
Si con Montemaior trato de amores,
quando lo alcanzaré? va de corrida,
de laurel coronado, iedra i flores¹⁷.

As referências concretas a experiências no domínio do amor que podemos encontrar nesta carta de Miranda não têm como protagonista o próprio autor; apelam, antes, às vivências dos pastores Diego, Andres e Alejo, personagens que criara nos seus textos bucólicos¹⁸. Esta opção permite-nos situar a discussão essencialmente num plano literário. Para isso concorre não só essa evocação dos protagonistas das églogas em que tinha tratado esta temática erótica, mas também a forma como procura satisfazer a solicitação que o remetente lhe tinha feito quando lhe pedira conselho sobre se deveria abandonar Portugal para estar próximo da amada que requeria a sua presença, ou permanecer no seu país, deixando sem resposta os apelos que ela lhe fazia. Na resposta a este dilema, Sá de Miranda assume expressamente a dimensão literária, convocando para o seu texto as histórias exemplares de Dante e Beatriz e, ainda, de Petrarca e Laura. É com base nessas exemplares histórias de amor que o moralista da Tapada aconselha Jorge de Montemor a permanecer em Portugal, devendo Marfisa contentar-se com a imortalidade que lhe será garantida pelos versos do seu cantor luso. Trata-se, evidentemente, de uma solução que redundará num extraordinário elogio às capacidades poéticas de Montemor, que se vê, assim, equiparado a Dante e a Petrarca. Levando em conta as modalidades da abordagem a que Miranda submete a temática dominante nesta correspondência, isto é, a relação erótica protagonizada pelo seu interlocutor e por Marfisa, teremos de ler os textos desta troca epistolar não no plano de uma relação pessoal, mas antes no domínio das relações literárias entre os dois poetas. Para aprofundarmos a natureza e, sobretudo, a profundidade destas relações, conviria saber, antes de mais, que obras de Montemor poderia ter lido Miranda por esses anos, que justifiquem um reconhecimento tão encomiástico da sua superior competência em matéria de amores. Não podemos, evidentemente, acompanhar Carolina Michaëlis de Vasconcelos, quando afirma que em 1552 Montemor «já tinha alcançado uma reputação quase europeia com a Diana»¹⁹. Que saibamos, a primeira edição desta novela pastoril poderá datar, no máximo, de 1559, e nesse ano já Miranda estava morto²⁰; além disso, há cinco anos que Monte-

17. Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 455.

18. Alejo é o pastor que dá o título à Égloga I; Diego intervém na «Fábula do Mondego» e Andres é o protagonista da égloga com o seu nome, dedicada ao duque de Aveiro.

19. Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, 849. Desconhecemos o fundamento que levou a ilustre romanista germânica a escrever, na página anterior desta sua edição das *Poesias* de Miranda, que a novela pastoril de Montemor foi editada em 1542. Tanto quanto conseguimos apurar, as datas que têm sido conjecturadas para a edição *princeps* de *Los siete libros de la Diana* não vão mais longe do que 1559 ou, no máximo, 1558...

20. De acordo com Carolina Michaëlis de Vasconcelos, o poeta faleceu em 15 de Março de 1558 (Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesias*, xxxii).

mor tinha deixado Portugal, na companhia da princesa D. Joana, viúva do príncipe D. João²¹. O mais provável é, pois, que por volta de 1552 o autor da *Diana* tenha enviado ao poeta retirado na Tapada parte ou a totalidade dos versos que haveriam de constituir o seu primeiro *Cancionero*, editado em Anvers no ano de 1554²². Aí encontramos, efectivamente, poemas que incidem sobre os amores de Lusitano e Marfida²³. Por outro lado, o texto da dedicatória da obra «A los muy altos y muy poderosos señores Don Juan y Doña Juana, príncipes de Portugal», permite deduzir, sem nenhum risco, que, apesar de ter sido editada fora do país e depois da morte de D. João, a obra já estava pronta antes de 1554²⁴. Sendo assim, terá Montemor querido procurar a caução de Sá de Miranda para os seus versos? Se assim fosse, que razão o terá levado a não publicar esta correspondência nessa primeira edição do *Cancionero*? É uma pergunta para que não temos resposta...

De qualquer modo, para uma perspectiva que deseje sublinhar o «iberismo» de Montemor, será significativo que nestas cartas literárias se assista a uma situação que pode parecer paradoxal: dois autores cuja língua materna é o português trocam correspondência em castelhano. Que significado poderá ter este facto? Márcia Arruda Franco, que estudou recentemente esta correspondência²⁵, deu-se conta, evidentemente, desta situação e explica que «os pastores portugueses do Mondego estão presos ao primado do castelhano para a expressão poética»²⁶. Procurando uma justificação, alega a realidade histórica dos sucessivos consórcios entre príncipes portugueses e princesas espanholas que teriam levado a que o castelhano se estabelecesse como idioma de corte e de cultura²⁷. Por outro lado, Montemor teria visto na língua castelhana um meio de expressão universal que lhe permitiria fazer chegar a um maior número de leitores o ponto de vista lusitano²⁸. Márcia Arruda Franco tem a preocupação de salvaguardar, neste último argumento, que a escolha de um idioma estrangeiro, longe de configurar uma qualquer hipotética «traição» à pátria, teria sido, pelo contrário, uma forma de prestar mais eficazmente serviço ao que chama «o lusitanismo». Confesso que tenho alguma dificuldade em aderir a esta argumentação. Mesmo que aceitemos a pertinência das explicações avançadas no que se refere a Jorge de Montemor, é preciso encontrar outras razões que permitam esclarecer a utilização do castelhano por Sá de Miranda nesta carta, quando se serviu do português em todas as outras. Uma possível explicação talvez esteja no assunto abordado nesta correspondência – o amor –, que o moralista da Tapada tinha tratado em espanhol na quase totalidade das églogas consagradas à temática erótica²⁹. Outra justificação poderá ser o desejo de ter um gesto de deferência com um confrade de Letras que se lhe tinha dirigido nesta língua. Já para Montemor, se não nos satisfizerem as razões invocadas por Márcia Arruda Franco, será necessário apontarmos noutra direcção.

21. Depois de ter abandonado Portugal com a viúva do Príncipe D. João, Montemor acompanhou o Príncipe Filipe na campanha dos Países Baixos, entre 1554 e 1558. A edição do primeiro *Cancionero* em Anvers testemunha a sua presença em 1554 nestas paragens. Veja-se Jorge de MONTEMOR, *Diálogo espiritual*, 4.

22. *Las obras de George de Montemayor; repartidas en dos libros*. Anvers, Juan Steelsio, 1554.

23. Por exemplo, os sonetos «Marfida sus ovejas repastava», «Estava Lusitano repastando», «Estávase Marfida contemplando», «Los ojos de Marfida hechos fuentes» ou a epístola «Salud, Marfida mia, te embiara» (Jorge de MONTEMAYOR, *Poesia Completa*, 66-67, 75 e 83-84, respectivamente).

24. Jorge de MONTEMAYOR, *Poesia Completa*, 5.

25. Márcia Arruda FRANCO, *Sá de Miranda, poeta do Século de Ouro*, 79-91.

26. Márcia Arruda FRANCO, *Sá de Miranda, poeta do Século de Ouro*, 79.

27. Márcia Arruda FRANCO, *Sá de Miranda, poeta do Século de Ouro*, 80.

28. Márcia Arruda FRANCO, *Sá de Miranda, poeta do Século de Ouro*, 81.

29. Estão nesta situação as églogas «Alejo», «Célia», «Andres» e «Nemoroso», a que há que acrescentar a «Fábula do Mondego» e o «Epitalâmio pastoril». Contrastando com a utilização da língua castelhana nestas églogas de temática amorosa, Sá de Miranda escolheu o idioma português para compor as suas duas églogais morais, a «Basto» e a «Montano». Escapa a esta distribuição a égloga «Encantamento», dedicada a D. Manuel de Portugal e escrita em língua portuguesa...

Há que reconhecer que Montemor está longe de renunciar à sua origem portuguesa. Pelo contrário, a própria escolha do nome Lusitano para designar a sua representação literária indicia que a nacionalidade seria um elemento identitário da sua personalidade. A adopção do castelhano como língua de expressão no mundo das letras poderá ter sido um meio de superar as barreiras linguísticas que, no que poderá ter sido o seu ponto de vista, impediriam a circulação livre dos textos e das ideias. De facto, a obra de Montemor oferece-nos o retrato de um homem aberto e atento às literaturas das diversas línguas e empenhado em contribuir para a sua difusão, pelo menos no espaço ibérico. Para fundamentar esta perspectiva, poderemos socorrer-nos dos trabalhos de tradução a que Jorge de Montemor se entregou, fosse declaradamente, fosse de maneira menos ostensiva.

Eugenio Asensio, na senda de uma sugestão de Marcel Bataillon, mostrou claramente, no seu trabalho sobre *El erasmismo y las corrientes espirituales afines*, que o modo como se manifesta a influência de Savonarola sobre o nosso autor reveste o carácter de uma tradução que não está muito longe de poder considerar-se literal³⁰. Embora Montemor não o declare explicitamente, o confronto entre os textos italiano e castelhano³¹ não deixa grandes dúvidas de que estamos perante um trabalho de transposição linguística, cujo objectivo essencial não terá tanto a ver com preocupações de natureza estética, mas será, sobretudo, o de facultar aos falantes do idioma castelhano o conhecimento de um autor que o uso de uma língua estrangeira poderia tornar inacessível.

O mesmo desejo de superar fronteiras linguísticas que contribuía para o isolamento de certos autores em territórios idiomáticos de difícil acesso a naturais de outras pátrias deverá ter presidido ao trabalho, que empreendeu, de traduzir para castelhano os *Cants d'amor* de Ausías March, e que seriam impressos em Valência, em casa de Joan Mey, em 1560. Como assinala Juan Bautista de Avalle-Arce na introdução à sua edição da *Poesía completa* de Jorge de Montemor, trata-se de um trabalho «de verdadero y esencial hispanismo», em que se pode ver «un magnífico crisol y amalgama de algunas de las grandezas culturales y lingüísticas de la Península».³² A importância desta tradução para a influência de Ausías March na poesia peninsular moderna tem sido assinalada e os estudiosos de Camões, em especial, têm equacionado a possibilidade de Jorge de Montemor ter sido o elo de ligação entre o poeta valenciano e o épico português. Num estudo publicado em 2003 na revista *Península*, depois de investigar e caracterizar as possíveis influências da obra de Ausías March sobre a lírica camonianiana, Jorge Alves Osório chegou a uma conclusão que exprime bem o papel que o nosso autor poderá ter tido na promoção do encontro entre o poeta valenciano e o lírico português: «Se Camões leu Ausías, deve ter sido através de Montemor, levado, certamente, pela autoridade que Boscán concedia ao seu compatriota.»³³ A expressão condicional explica-se pela dificuldade que têm sentido os biógrafos de Camões para situarem cronologicamente um possível convívio entre o autor d'*Os Lusíadas* e Jorge de Montemor. Wilhelm Storck, que equacionou esta questão, mostra-se muito céptico em relação à possibilidade de a esclarecer satisfatoriamente: «É bem possível que todas estas tentativas para estabelecer relações entre o autor da *Diana* e Camões sejam trabalho baldado.»³⁴ De facto, a única fonte onde se alude a um encontro

30. Contestando as teses de Américo de Castro, Asensio vê nas aproximações textuais que aquele estabeleceu entre excertos de obras de Savonarola e Montemor «no su personalidad judía, sino su abdicación de la propia sensibilidad de poeta.» (Eugenio ASENSIO, *El erasmismo y las corrientes espirituales afines*. Salamanca, SEMYR, 2000, 104).

31. Eugenio ASENSIO, *El erasmismo y las corrientes espirituales afines*, 104-106.

32. Juan Bautista de AVALLE-ARCE, «Introducción», in Jorge de MONTEMAYOR, *Poesía Completa*, xxi.

33. Jorge OSÓRIO, «Luís de Camões e Ausías March», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0 (2003), 183.

34. Wilhelm STORCK, *Vida e obras de Luís de Camões*. Versão do original alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1897, 427.

peçoal dos dois poetas é uma anedota que Storck só conheceu numa versão divulgada no século XVIII por Suppico de Moraes na sua *Collecção política de apophtegmas memoráveis tiradas de variadas obras históricas* (edições em 1720, 1733 e 1761). O biógrafo de Camões encontra na distância temporal que separa a obra de Suppico de Moraes dos acontecimentos que relata motivo suficiente para rejeitar liminarmente a sua credibilidade, no que é acompanhado por Carolina Michaëlis de Vasconcelos: «Mas que fê dar a um continho sobre tão pequeninos assuntos íntimos, passados 167 anos antes?»³⁵ Ignoravam os ilustres lusitanistas germânicos que Christopher Lund haveria de encontrar a mesma anedota num códice manuscrito da Biblioteca do Congresso que terá sido organizado «nos próprios séculos XVI e XVII»³⁶. A zona do texto onde se encontra o episódio protagonizado por Montemor e Camões é o mais tardio, mas, mesmo assim, situável nas primeiras décadas do século XVII³⁷. A historieta é a seguinte:

Pelos tempos em que cá em Portugal viveu Luís de Camões, floreceu em Castela Jorge de Montemayor, português de nação natural da Vila de Monte [Mor] o Velho, de que ele tomou o apelido, poeta então muy celebrado, por hû livro pastoril que compôs, intitulado a *Pastora Diana*, que foi muito bem recebido e estimado de todos; ouvindo Jorge de Montemayor em Castela, onde vivia, a muita fama que por lá corria do nosso Luís de Camões, desejou muito ver-se com ele; para este efeito se veio a este Reino, e na cidade de Lisboa, onde então estava a corte, o conversou muito particularmente; hûa tarde, estando ambos parados no terreiro do Paço, olhando para hûa janela do quarto das Damas que ocupava D. Francisca de Aragão, filha de Nuno Roiz Barreto, Alcaide Mor de Faro, Dama que era da Rainha D. Catherina, chegou-se hû pobre a eles, e lhes pediu hûa esmola; Jorge de Montemayor respondeu ao pobre desta maneira:

Se Hermano pedis por Dios
a aquel Sarafim pedi,
y pedi para los dos
la libertad para my
la limosna para vos.

D. Francisca de Aragão, que foi Dama dotada de muitas partes, e cheia de muita galanteria, e tinha já muita notícia de Luís de Camões, a cujas poesias se havia socorrido algumas vezes em suas tenções e pensamentos, imaginando ser ele o que falara, lhe disse: «Andai daí para [cá], cara sem olhos», o que, ouvindo Luís de Camões, respondeu assim, falando com ela:

Sem olhos vi o mal claro
que dos olhos se seguiu,
pois cara sem olhos viu
olhos que lhe custam caro.

35. Wilhelm STORCK, *Vida e obras de Luís de Camões*, 426, nota.

36. *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista. Istorias e ditos galantes que sucederão e se disserão no Paço [contendo matéria biobibliográfica inédita de Luís de Camões e outros escritores do século XVII]*. Leitura do texto, introdução, notas e índices por Christopher C. Lund, Coimbra, Livraria Almedina, 1980. Nas primeiras linhas da «Introdução», Lund evoca as circunstâncias que rodearam a sua descoberta: «Quando, em 1976, preparávamos um catálogo da *Colecção de manuscritos portugueses* na Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso, deparámos com uma colecção de anedotas em que apareceu o nome de Luís de Camões.»

37. «As *Anedotas* parecem dividir-se em três partes. A primeira (I-XXVII) consta de matéria sebástica. [...] A segunda parte é constituída pelas anedotas de Rui Lourenço de Távora (XXVIII-XLI) sobre D. João III. A terceira e maior parte [...] é formada por «Istorias e ditos galantes» (XLII-CXXVII). Estas anedotas, se de facto foram iniciadas por Távora, certamente foram completadas por outrem, pois algumas das passagens da terceira parte dizem respeito ao fim do século XVI e às primeiras décadas do século XVII.» (Cristopher LUND, «Introdução», in *Anedotas portuguesas*, 18-19). A anedota que aqui nos interessa tem o número CX e situa-se, portanto, na terceira e última parte do manuscrito.

De olhos não faço menção,
 pois quereis que olhos não sejam:
 vendo-vos, olhos sobejam;
 não vos vendo, olhos não são.

D. Francisca, deixando o posto, se recolheu para dentro. Jorge de Montemayor levou nos braços a Luís de Camões, e se foram ambos, trabalhando cada hû deles por dar ao outro a palma na poesia³⁸.

As referências à fama que já correria em Castela e que teria levado Montemor a empreender uma viagem ao nosso país com o intuito expresso de avistar-se com «o nosso Luís de Camões» torna impossível de aceitar a sua veracidade histórica. Não é admissível, com efeito, que antes de 1561, ano em que Jorge de Montemor morreu em Turim num duelo, o nome do autor d'*Os Lusíadas* tenha sido venerado na Península. Entre 26 de Março de 1553 e 7 de Abril de 1570 Camões esteve afastado de Lisboa, em viagem pelos mares e terras do Oriente português. Não teria sido possível, pois, que os dois poetas se encontrassem fisicamente. Se o contacto se deu, foi por intermédio dos livros. Camões poderia ter lido a tradução dos *Cants d'amor* nas edições de 1560 ou 1562, ainda na Índia ou, mais facilmente, depois de 1570, já em Lisboa. Não podemos saber se o fez ou não; contudo, a existência de uma anedota onde se conserva a memória fantasiosa de um convívio altamente improvável entre Montemor e Camões parece apontar no sentido de que os leitores da lírica camoniana, desde a sua primeira edição, feita 15 anos depois da morte do autor, terão percebido uma sintonia literária que irmanava os dois poetas na sensibilidade. Não seria a primeira vez que a verdade literária justificaria os desvios feitos ao rigor histórico.

Mesmo se não podemos documentar a influência directa da tradução de Montemor sobre a poesia lírica de Camões, podemos admiti-la. Seja como for, a atitude do autor da *Diana* perante as fronteiras linguísticas que separavam as diferentes literaturas ibéricas não perde dimensão nem significado. Com efeito, não pode ter sido por acaso que um poeta português tenha assumido a empresa de traduzir a obra de um autor que se exprimiu originalmente em valenciano para a língua castelhana. Do nosso ponto de vista, este trabalho é exemplar quanto ao modo como o poeta de origem portuguesa se quis servir do idioma castelhano para explorar as hipóteses de tornar as fronteiras idiomáticas mais permeáveis e promover, deste modo, uma comunicação mais fácil e efectiva entre autores e literaturas que, apesar de se encontrarem expressos em línguas diferentes, partilhavam, afinal, uma mesma cultura comum.

38. *Anedotas portuguesas*, 177-178.